

O amigo que nos espera
Homenagem feita pelo padre Adriano Supuleta
Ao seu amigo padre Graciano Sessendje Kapingala

The friend who awaits us
Homage from father adriano supuleta
To his friend Father graciano sessendje kapingala

El amigo que nos espera
Homenaje del padre adriano supuleta
A su amigo el padre graciano sessendje kapingala

L'ami qui nous attend
Hommage du père adriano supuleta
A son ami le Père Graciano sessendje kapingala

A partir dos Dicionários somos informados de que amizade constitui o clima afectivo existente entre duas pessoas que se amam reciprocamente . E, se o amor é o dom de si mesmo a outrem, a amizade é o amor de benevolência retribuída. Aliás o adjectivo donde deriva “amicus”, qualifica mesmo aquele que quer o bem, o que tem afeição e estima, a outrem, que se interessa por ele, com ele se simpatiza, a ele se dedica. Liga-se a dois elementos essenciais: a generosidade e o desinteresse num clima de restrição desinteressada e generosa.

Platão faz da amizade um princípio metafísico: os amigos partilham uma tracção pelo princípio mais alto, o bem. Para Aristóteles a amizade pode basear-se no que é útil, no agradável ou no bem. Cícero, na sua obra <<Laelius sive de amicitia, >>, chamou a amizade de “sol da vida” e definiu-a como um mútuo acordo sobre todas as coisas, acompanhado de dedicação (benevolentia) e de facto (caritas). Para ele todos os bens – riquezas, honras, poder, saúde – são caducos. Só a amizade é perdurável, porque só é possível entre os bons e estes não são levados nem pela cobiça nem pelas paixões, sendo

constantes no bem. Por isso é que a amizade é rara, concluiu Cícero, o grande tratadista romano do conceito (cf. Cícero, *Leius*, 6, 20).

Na Bíblia, a amizade constitui uma relação de amor preferencial que pode unir alguns homens entre si, como é o caso da amizade entre David e Jónatas (cf. 1 Re. 18,20; 2 Re. 1) e também daquela que se menciona com frequência entre Jesus e o seu amigo Lázaro ou algum discípulo (cf. Jo. 11; Lc 12, 4, Jo. 15, 13.15).

Entre os primeiros cristãos não se fez sentir muito a especulação sobre a amizade já que os cristãos consideravam-se uns outros como irmãos e não como amigos (Joseph T. Lienhard, Sj in *Diccionario de San Agustin*, Monte Carmelo, Burgos, 2001). Proibia-se até estabelecer a amizade com os hereges (cf. Atanásio, *Vita Antonii*. 68). Santo Agostinho baseia os seus argumentos em Cícero, o qual considerava a amizade como uma virtude política, própria de grandes estadistas, e formulou a definição de amizade que o Africano (Santo Agostinho) cita várias vezes: <<amizade não é senão o estar de acordo em todas as coisas divinas e humanas, juntamente com a boa vontade e com afecto>> (cf. Agostinho in *Contra Academicus*, 3, 6.13; *Epístola* 258,1) . A dor pela morte dum seu amigo em Tagaste, obrigou S. Agostinho a marchar-se à Cartago .

Uma caminhada na alegria uma interrupção na amargura

Em 1989 conheci um amigo no Seminário Propedêutico Arquidiocesano do Huambo. Logo que o vi, veio-me logo a ideia, embora não expressa: desta vez encontrei um amigo bom para além de Jesus. A partir daí, juntos enfrentamos as epopeias seminarísticas, passeávamos cumprindo com a antiga regra de saídas as quintas feiras e dos domingos : <<semper três, raro duo et nunquam uno>>. Assim, juntos íamos pelas aldeias rupestres de Lossambo, onde morava uma das suas avós, pelos conhecidos bairros de Cacilhas e Bom Pastor, pelas ruas do S. João e S. Pedro, pelas praças de Canhe, Cambiote e Calumenhe. Animados pelo hino latino <<Estote fortes in bellum – sede fortes na batalha>> que entoávamos por várias ocasiões terminamos o curso de Filosofia e de Teologia sustentados pelos grãos de feijão saudável ou mini - espirado. No dia 21 de Setembro de 1999, Festa do Apóstolo Mateus, ordenamo-nos de Diáconos em companhia de mais quatro homólogos formando assim um grupo de seis colegas cuja amizade valia mais que as relações consanguíneas. Destes seis, três já não militam neste mundo e vale

de lágrimas. Em 30 de Julho fomos ordenados de Sacerdotes pelas mãos de D. Francisco Viti, o então Arcebispo do Huambo. Sendo colocados cada um no seu sector de trabalho, embora vivendo em áreas diferentes, nunca passamos uma semana ou dia sem que nos encontrássemos. O Padre Graciano na Filosofia e eu no Seminário Propedêutico.

Em 2002, fui enviado à Espanha a fim de prosseguir com os estudos, e achando-se sozinho e isolado, aproveitei a boa amizade do Pároco que me acolheu para solicitar ao D. Viti que mandasse o Padre Graciano a vir ao meu encontro em benefício duma bolsa solicitada à Universidade de S. Dâmaso na altura, Faculdade Pontifícia. Agradeço a Deus que não encontrei resistência de nenhuma parte das quais eu era súbdito. Em 2003 veio o Padre Graciano ao meu encontro e juntos enfrentamos o frio, o verão e até algum sentimento racismo. Certo de que algum dia regressaríamos à nossa Pátria, vencemos tais vicissitudes e terminamos os nossos estudos: eu em 2005 e ele em 2007. Foi uma boa experiência, em que fazíamos tudo juntos como se fôssemos filhos de um mesmo pai. Tivemos um Pároco bom (José Andrés) que a nós tratava por filhos, e nós como o pai.

Uma vez regressado em Angola, o amigo foi colocado na missão do Canhe donde foi assumindo outros cargos importantes da nossa Arquidiocese entre os quais, Membro do Conselho de Consultores, Reitor do Santuário de Cristo Misericórdia, Vigário Episcopal da Zona Sede, Administrador da Rádio Eclésia e do ISPOC, cargos que parecíamos termos assumidos os dois, pois, nenhum deles exercia, sem que pudesse envolver a minha pessoa. <<Eles amavam-se tanto, a ponto de que se ajudavam mutuamente em tudo>>, testemunhava D. José de Queirós Alves (Arcebispo Emérito do Huambo) quando no 21 de Novembro falava com o Director do ISPOC (Pe. José Kambuta) com sinais de olhos mergulhados em lágrimas.

Para sempre unidos numa ternura fraternal

Os melhores amigos conhecem-se mais que os próprios familiares, funcionando como confidentes. Aceitam-se mutuamente como realmente cada um é. E isto é por longo tempo. Paraa S. Jerónimo, a amizade constitui um relacionamento que dura no transitório sine perene (cf. Epístola 3,6). Mas para que isto aconteça é preciso que nela Deus tenha parte, já que a sua eternidade é a que garante a eternidade da amizade, salienta isto mesmo Paulino de Nola, um entre os Padres da Igreja (cf. Epístola 3,1; 40, 2).

De facto, com a morte do Padre Graciano, desapareceu uma personalidade polifacetada e gigantesca de quem partilhávamos mutuo conhecimento. Homem humanista, culto que a Província do Huambo de lés, a lés conhecia e admirava. Desapareceu o infatigável cultor das ideias, que amanhã muitas vezes surpreendia, ainda sentado sobre à sua banca de trabalho, porque era insaciável o seu desejo de cultura, porque havia um compromisso a satisfazer. Estou a falar dum homem bom, generoso e afável que se foi lá onde me espera. Por enquanto ficam dele para mim, apenas boas recordações: a sua ternura e preocupação com os fiéis na pastoral, a profunda amizade de admiração que tinha por mim, a humildade com que falava e recebia os seus amigos e fiéis .

Com a morte do Padre Graciano, perdi uma parte do meu existir e ser nesta pátria. Agora os meus olhos estão mais virados para o futuro encontro na Pátria onde ele nos espera. Oxalá tenha sorte para tal. Junto dele, no seu percurso de vida, neste vale de lágrimas, destaco os seus 20 anos de vida sacerdotal, os quais soube vivê-lo de forma singular como um grande sacerdote de Cristo Jesus totalmente entregue à Deus e a Igreja. Pastor insigne da sua comunidade cristã do Canhe, humanista excelente, sociável no trato, homem de profunda fé, devoto à Virgem Maria, grande empreendedor eclesial. A nossa Arquidiocese muito deve a este homem de Deus.

Com a sua morte perdi um bom amigo, que sempre me lançou um convite para juntos viajarmos onde quisesse ir. Ao preceder-me junto Pai celestial, corro para o seu encontro, realidade que se tornará concreta no dia e na hora incerta. Conforta-me a certeza de que, ganhei lá do céu um intercessor que me espera. Perdeu-se um grande homem, companheiro pelas ruas do Huambo, de Madrid (Espanha), de algumas cidades do Sul de Alemanha, de Filadélfia, Nova York, Washinton (nos Estados Unidos). Sem parar, espero ir ao seu encontro cumprindo com a tarefa que Deus a mim confiou e que ainda não terminou. Queira Deus juntar-nos novamente na Sua glória, pois aguardamos pela Sua infinita misericórdia, e aí de novo nos abraçaremos fraternalmente. Até breve Padre Graciano, obrigado pelo bem que de ti aprendi! Descanse em Paz, Companheiro! Hasta luego!

Supuleta Adriano.